



Um olhar encantado⁽¹⁾ sobre o GTI

Isolina Oliveira

As políticas educativas nos últimos anos, em Portugal, têm percorrido diversas vagas que deixam um rasto de desencanto nos professores, nomeadamente, nos que se envolvem com a melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem, em geral, e da matemática em particular. É neste pano de fundo que escrevo sobre o GTI e o que representa(ou) para os professores que têm a oportunidade de nele participar, do ponto de vista da aprendizagem profissional.

Antes, porém, revejo o pensamento que ancorou a minha participação no GTI e que suscitou pequenas e enraizadas mudanças, inovações didáticas ao nível da aula de matemática que tiveram consequências na construção reflexiva da identidade, entendida como um processo dinâmico, instável, em que o *self* se constitui como um projeto reflexivo contínuo. A convicção de que a investigação e o desenvolvimento do currículo faziam parte do trabalho do professor e que havia condições para que isso viesse a concretizar-se era, para mim, essencial quando se iniciou a ligação ao GTI. Com o domínio por parte do professor desse campo da investigação acreditava que a imagem profissional que o professor tem de si e as suas condições de trabalho viriam a ser modificadas.

O «profissional amplo» [expressão usada por Laurence Stenhouse] refere-se ao professor com uma compreensão alargada do currículo e uma atitude questionante face à profissão e ao desempenho pessoal. Este professor tem certas capacidades, perspetivas e compromissos, de que se destaca a capacidade para o autodesenvolvimento profissional através de um processo sistemático de autoanálise, do estudo do trabalho desenvolvido pelos pares e da concretização de ideias por meio de procedimentos de investigação na aula. Esta conceção de professor tem implícito que o desenvolvimento curricular se deve basear nos estudos de sala de aula, e de outros cenários educativos, e que os professores são capazes de os realizar, marcando a agenda e definindo as questões que consideram importantes para a investigação. Até então, a investigação curricular valorizava os estudos realizados por investigadores externos, o que trazia constrangimentos de diversa natureza e nem sempre traziam respostas às questões com que os profissionais se debatiam. Esta nova posição traça uma rutura com o que era habitual em termos da investigação e do processo de desenvolvimento curricular e faz emergir o conceito de «professor como investigador».

A abordagem assente no professor como investigador coloca duas condições que são essenciais para que os profissionais realizem investigação: a primeira tem a ver com a compreensão e o conhecimento de como se investiga e a segunda com a assunção de que os resultados dessa investigação constituem informação fundamental para que o professor possa tomar medidas para melhorar o ensino. Há, então, que desenvolver certas competências de investigação e experiência que permitam ao professor percecionar ações inovadoras, transformando-se em questionador da sua própria prática. Deve ser claro para o professor que ao assumir este papel está a contribuir para o desenvolvimento do ensino e a aperfeiçoar a sua prática profissional. Contudo, neste papel de investigador, o professor precisa ser auxiliado pelos seus pares e confrontar-se com outras práticas e novos conhecimentos.

Um desenvolvimento do currículo com qualidade depende dos professores serem capazes de adotar uma atitude investigativa em relação ao seu modo de ensinar, ou seja, de analisar sistematicamente e com sentido crítico a sua própria atividade prática. Esta atitude investigativa não é isenta de problemas. Por um lado, os problemas teóricos que têm a ver com a necessidade de conceitos para que o professor possa expressar a compreensão da sua prática; por outro, os problemas metodológicos, relacionados com a recolha dos dados. Na medida em que se pretende melhorar as práticas, aceita-se que a perceção subjetiva do professor é crucial para a prática, interessando, então, o desenvolvimento de uma perspetiva subjetiva, sensível e autocrítica. Este trabalho torna-se complexo pois é preciso controlar permanentemente a presença de hábitos, crenças, ilusões e desânimos, passando a ter um função importante a autorreflexão, o trabalho conjunto com colegas, a utilização de diversos instrumentos na recolha de dados, a par das opiniões dos alunos. Todavia, a melhor forma de avançar no sentido de que o ensino e a aprendizagem melhorem significativamente é a participação em comunidades de aprendizagem assentes no trabalho colaborativo e cooperativo, de mútuo apoio, em que professores e equipas de investigação trabalham em conjunto.

A profissionalidade do professor está ligada à investigação e à procura de aperfeiçoar a sua prática de ensino. A investigação é uma forma de obter conhecimento profissional e desenvolve-se através da experiência do questionamento. O professor tem um novo papel, tornando-se crucial na produção de inovação nas



escolas, mas o trabalho individual pode não ser completamente eficaz se não for apoiado.

Encarar o currículo como uma prática permanentemente em deliberação e em negociação, tem consequências a nível da sala de aula, o que significa considerar a interação entre professores e alunos. Há necessidade de tomar decisões sobre os propósitos, os conteúdos, o desenvolvimento curricular e, neste caso, valoriza-se a interpretação que é negociada e o ato pessoal de construção de significado. O currículo como projecto constitui-se como instrumento de comunicação entre a teoria e a prática, como quadro conceptual que sustenta a prática e, então, a inovação e renovação pedagógica ganham uma nova dimensão. Estimula uma nova visão sobre a profissionalidade docente, os professores são investigadores e reflexivos sobre a sua prática profissional.

O Grupo de Trabalho de Investigação (GTI) em Educação Matemática foi criado na APM (<http://www.apm.pt/portal/index.php?id=20891>) em 1991, com a intenção de reunir pessoas interessadas na investigação em Educação Matemática. Desde a sua origem teve a preocupação em integrar professores dos diversos níveis de ensino e promover atitudes de investigação como forma de melhorar o ensino da Matemática. As primeiras reuniões em que estive presente e que ocorriam na sequência dos Seminários de Investigação em Educação Matemática (SIEM) foram essenciais para a minha adesão e envolvimento posterior. Na verdade, a reflexão em torno dos trabalhos que tinham sido apresentados no Seminário e a troca de ideias e experiências entre os professores presentes, pertencentes a diferentes instituições, proporcionava um aprofundamento de conhecimento, para além do que seria possível no quotidiano escolar. Esta forma de participação viria a alargar-se mais tarde com a criação do grupo de estudos «O professor como investigador», em abril de 2000.

Este grupo emerge da necessidade de tornar mais forte a ligação entre a investigação e o desenvolvimento curricular e, na sua criação, definem-se como objetivos do grupo os seguintes:

- i) Proporcionar uma reflexão aprofundada entre os seus membros acerca do tema «O professor como investigador» (propósito, natureza e variedade, fundamentos, metodologias, alcance...);
- ii) Contribuir para a divulgação da perspectiva que a investigação sobre a prática faz parte da atividade profissional do professor.

O grupo de estudos transforma-se numa unidade de formação e investigação traduzindo, claramente, o que são os fundamentos

do GTI. Constitui-se como uma comunidade de aprendizagem profissional onde os temas a trabalhar emergem do que são as preocupações e interesses dos professores, e em que a publicação continuada dos estudos desenvolvidos em livros, a par de outras iniciativas, permite a divulgação de certas práticas de sala de aula junto dos professores de Matemática.

Passadas duas décadas sobre a fundação do GTI e uma sobre a criação do GE podemos conhecer o trabalho deste grupo, não só através da coleção de livros já publicados, o primeiro com o título «Reflectir e investigar sobre a prática profissional», editado em 2002, e o último «O professor e o programa de Matemática do ensino básico», editado em 2010 mas, também, se prestarmos atenção ao modo colaborativo como hoje, em muitas escolas, os professores de Matemática trabalham. Tornou-se evidente como a investigação dos professores sobre a sua própria prática lhes confere protagonismo no campo curricular e contribui para o seu desenvolvimento pessoal e profissional; por outro lado, este campo de investigação com raízes sólidas noutros países ganhou espaço em Portugal, nomeadamente, na área da Educação Matemática.

Esta reflexão pessoal, a que acedi com gosto, aspira a deixar claro que não basta ter em conta o conhecimento, as capacidades e competências próprias dos professores, é preciso, também, considerar as intenções, as esperanças e os seus desejos sobre o futuro. A aprendizagem profissional proporcionada pelo envolvimento no GTI constituiu o cadinho para a melhoria da minha prática nos diversos contextos, por permitir a reflexão continuada sobre a mesma, e orientada pela melhoria das aprendizagens dos alunos.

Nota

⁽¹⁾ Este título é inspirado no artigo de António Bolívar «Um olhar actual sobre a mudança educativa: onde situar os esforços de melhoria?» *In Escala, currículo e formação de identidades*. Porto: ASA, 2007.

Isolina Oliveira

Universidade Aberta